

DESEMPENHO COMERCIAL DA AGRICULTURA BRASILEIRA: os casos do feijão e do milho¹

José Newton Pires Reis²

1 - INTRODUÇÃO

A conjuntura econômica atual, caracterizada pela globalização do comércio internacional, tem requerido dos segmentos produtivos a busca constante de maior competitividade no mercado externo com o objetivo de expandir suas exportações.

Para o Brasil, a obtenção de *superávits* no balanço comercial também está fortemente associada à necessidade de aquisição de divisas que possibilitem o cumprimento das obrigações referentes à dívida externa e ao pagamento das importações.

Neste particular, é oportuno estudar os mercados de feijão³ e milho (*Zea mays*) em face de sua importância histórica na economia brasileira e na alimentação humana e animal. Os produtos selecionados são alimentos relevantes pelos seus aspectos econômico e social como produtos tradicionais, com fortes raízes culturais e que garantem o teor nutricional mínimo para parcela considerável de nossa população.

Especificamente, este trabalho apresenta aspectos ligados ao dimensionamento atual dos mercados no que diz respeito à produção, à dinâmica do comércio retratada pela evolução das exportações e importações mundiais de 1994 a 2003. Este estudo permitirá a sistematização de informações que poderão subsidiar estratégias direcionadas à dinamização do desempenho desses setores.

¹Registrado no CCTC, IE-69/2005.

²Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Agronegócios (NEPA/UFC) (e-mail: newton@ufc.br).

³Não se dispõe de estatísticas mundiais detalhadas para a cultura do feijão. Os dados agregados apresentam informações de diferentes espécies; as mais frequentes são o feijão comum (*Phaseolus vulgaris* L.) e o feijão caupi (*Vigna unguiculata* L.).

2 - METODOLOGIA

Como instrumental básico para alcançar os objetivos propostos, foram calculados os indicadores do grau de participação, grau de abertura, grau de dependência e taxa de cobertura externa para examinar o desempenho comercial das culturas do feijão e do milho, conforme exposto a seguir.

2.1 - Grau de Participação

Esse indicador permite avaliar a participação de um país nas exportações de um produto (j) específico na produção mundial desse mesmo produto, e pode ser calculado por:

$$GP^i = X^i_j / Y^i_{jm} \quad (1)$$

Onde:

GP^i = grau de participação;

X^i_j = exportação brasileira do *j*-ésimo produto em toneladas;

Y^i_{jm} = produção mundial do *j*-ésimo produto em toneladas; e

$j = 1$ (feijão) e 2 (milho).

2.2 - Grau de Abertura

Entende-se o grau de abertura (GA) como a participação das exportações de um determinado produto na produção desse produto em um determinado país.

$$GA^i = X^i_j / Y^i_j \quad (2)$$

Onde:

Y^i_j = produção brasileira do *j*-ésimo produto, em toneladas.

2.3 - Grau de Dependência

O grau de dependência (GD) mede a parcela do consumo doméstico que é comple-

mentada pelas importações.

$$GD^t = I^t/Y^t \quad (3)$$

Onde:

I^t_j = importações brasileiras do *j*-ésimo produto, em toneladas.

2.4 - Taxa de Cobertura

Considerando-se um determinado produto (*j*) da região ou país, tem-se que a taxa de cobertura (*TC*) pode ser definida como sendo o quociente entre as exportações e importações desse produto (*j*) no referido país, como segue:

$$TC^t_j = E^t_j/M^t_j \quad (4)$$

Onde:

E^t_j = valor total das exportações brasileiras do *j*-ésimo produto em milhão de dólar; e

M^t_j = valor total das importações brasileiras do *j*-ésimo produto em milhão de dólar.

3 - MERCADO MUNDIAL E NACIONAL

O feijão é cultivado em mais de 100 países, porém o Brasil e a Índia, que juntos respondem por mais de 33% da colheita global, dominam a produção mundial. O Brasil é o maior produtor e consumidor mundial, com 3,3 milhões de toneladas produzidas. A Índia (3,0 milhões de toneladas) e a China (1,9 milhão de toneladas) ocupam, respectivamente, o segundo e o terceiro lugares. O destaque fica por conta de Mianmar (ex-Birmânia), ocupando o quarto lugar (Tabela 1).

A produção de milho é amplamente dominada pelos Estados Unidos, respondendo por aproximadamente 40% da produção mundial, o que significa 257 milhões de toneladas. Afora os Estados Unidos, a China é outro grande produtor do cereal, alcançando o segundo lugar mundial em 2003, com 114 milhões de toneladas. Em terceiro lugar encontra-se o Brasil, com volume colhido de 47,8 milhões de toneladas, que equivale a uma discreta participação de 7% do total global, mas, em termos continentais, a produção brasileira corresponde ao triplo do volume argentino, que figura como quinto maior produtor, atrás do México.

TABELA 1 - Produção de Feijão e Milho, Principais Países Produtores, 2003
(em t)

País	Feijão	Milho
Brasil	3.309.790	47.809.300
Argentina	-	15.040.000
Mianmar	1.650.000	-
China	1.907.953	114.175.000
EUA	-	256.904.560
Índia	3.000.000	-
México	1.400.160	19.652.416
Mundo	19.038.458	638.043.432

Fonte: FAO (2005).

3.1 - Distribuição da Produção Nacional

Os cinco maiores produtores de feijão, em 2003, foram os Estados do Paraná, Minas Gerais, Bahia, São Paulo e Goiás, com quase 70% da produção nacional. O Estado do Ceará, com 6% do volume global, vem em seguida com 208,7 mil toneladas produzidas (Tabela 2).

TABELA 2 - Produção Brasileira de Feijão e Milho, por Unidade da Federação, 2003
(em t)

Unidade da Federação	Feijão	Milho
Rondônia	34.191	197.166
Acre	7.670	50.946
Amazonas	4.298	22.189
Roraima	540	28.440
Pará	68.772	523.816
Amapá	313	1.059
Tocantins	18.926	140.757
Maranhão	32.067	381.679
Piauí	51.675	228.388
Ceará	208.792	745.317
Rio G. do Norte	42.752	69.569
Paraíba	68.372	123.880
Pernambuco	57.322	81.458
Alagoas	11.906	11.889
Sergipe	18.848	86.595
Bahia	356.300	1.216.855
Minas Gerais	544.147	5.326.118
Espírito Santo	25.655	132.287
Rio de Janeiro	5.374	22.911
São Paulo	303.190	4.732.040
Paraná	707.530	14.390.104
Santa Catarina	188.626	4.310.934
Rio Grande do Sul	137.865	5.426.124
Mato Grosso do Sul	33.706	3.071.632
Mato Grosso	50.274	3.192.813
Goiás	289.172	3.632.636
Distrito Federal	33.755	179.721
Brasil	3.302.038	48.327.323

Fonte: Elaborada a partir de dados do IBGE.

De acordo com Ferreira; Del Peloso; Faria (2002), a oferta de feijão no Brasil vem passando por profundas mudanças. Atualmente, a primeira colheita (safra das águas), principalmente nas Regiões Sul e Sudeste e na região de Irecê, no Estado da Bahia, está concentrada no período de dezembro a março. A colheita da segunda safra ocorre entre os meses de abril e julho e a terceira safra, em que predomina o cultivo de feijão irrigado, está concentrada nos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Goiás/Distrito Federal e oeste do Estado da Bahia, sendo ofertada entre julho e outubro. Embora esses períodos possam apresentar variações de ano para ano, pode-se identificar que há colheita praticamente o ano todo e que existe sobreposição de épocas em algumas regiões.

No caso do milho, o Estado do Paraná, com 14 milhões de toneladas, é disparado o maior produtor nacional, respondendo por 30% da produção brasileira. Os outros Estados principais produtores, em 2003, também estão concentrados nas Regiões Sul e Sudeste: Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina. Os Estados da Bahia, Piauí, Maranhão e Pará têm se constituído em nova fronteira para produção de milho em escala comercial, principalmente nas áreas de cerrado, nos três primeiros, e no sul do estado no último, onde essa cultura vem sendo impulsionada pela expansão da soja. Segundo Reis e Soares (2005), a expansão do cultivo de milho no Estado do Ceará se deve ao aumento da demanda por esse produto, que foi impulsionada pelo crescimento da produção de aves no estado e no vizinho Estado de Pernambuco. Nos outros estados, a produção de milho é marginal, sendo caracterizada por cultivos familiares para consumo no estabelecimento.

Por um lado, o fator que tem impulsionado o crescimento de milho na Região Centro-Oeste e, em especial no Estado de Goiás, é a ampliação do parque industrial em direção à região de cerrado, que utiliza milho como insumo. Por outro, o uso da cultura de milho no sistema de cultivo de plantio direto também tem favorecido os níveis de produção e produtividade nessa região. Nota-se que os Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul têm níveis de produtividade média semelhantes aos Estados do Paraná, São Paulo e Santa Catarina.

A segunda safra de milho foi introduzida pelos agricultores com o objetivo de se ter

mais uma opção de cultivo para o período de inverno. Em alguns estados ela se tornou tão importante que substituiu quase que completamente o cultivo do trigo. Dois fatores foram importantes para que isso acontecesse. O primeiro está relacionado a necessidades técnicas de rotação de cultura com soja, porém com a vantagem de se reduzir o tempo entre safras de verão, e de produção de cobertura morta para solo no sistema de plantio direto. Assim, o milho safrinha, na maioria das vezes, passou a ser plantado em sucessão à soja logo após a sua colheita. O segundo diz respeito à crescente pressão de demanda por milho, principalmente no período de "entressafra", causando, conseqüentemente, elevação dos preços desses grãos nesse período.

Com o aumento da importância da soja no mercado internacional, ela passou a disputar com o milho áreas para cultivo de verão, levando mais produtores a optarem pelo cultivo dessa cultura no verão e do milho na segunda safra.

3.2 - Distribuição das Exportações

Apenas de 8% a 10% da produção mundial de feijão destinam-se à exportação. Segundo Ferreira (2001), o fato de os países maiores produtores se constituírem também em grandes consumidores explica o baixíssimo volume transacionado no mercado internacional. A tabela 3 traz os principais exportadores por produtos, em 2003.

TABELA 3 - Valor das Exportações de Feijão e Milho, Principais Países, 2003
(em US\$1.000)

País	Feijão	Milho
Brasil	1.530	375.136
Argentina	-	1.235.311
Mianmar	90.626	-
Canadá	145.377	-
China	333.141	1.766.834
EUA	183.992	4.972.016
França	-	1.329.684
Mundo	1.162.277	11.137.440

Fonte: FAO (2005).

O mercado externo de feijão movimentou um pouco mais de US\$1,0 bilhão em 2003. Quatro países dominam o comércio internacional, com mais de 60% das vendas. A China é a maior exportadora mundial dessa leguminosa, com montante avaliado em aproximadamente US\$333 mi-

lhões, quase 30% do mercado internacional. Os Estados Unidos, mais uma vez, demonstram sua força e ocupam a segunda colocação no *ranking*, com US\$184 milhões exportados. Canadá e Mianmar são os demais representantes como maiores exportadores com faturamento na ordem de US\$145 milhões e US\$90 milhões, respectivamente.

O Brasil, como primeiro produtor, caracteriza-se também como grande consumidor, exportando apenas US\$1,5 milhão (0,1% do mercado mundial).

No caso do milho, o produto aparece com importante peso em termos de valores exportados (US\$11 bilhões). Grandes produtores são também grandes exportadores, como é o caso dos Estados Unidos que lideram as exportações com quase US\$5,0 bilhões, a China com US\$1,7 bilhão e a Argentina com US\$1,2 bilhão, respondendo por 44%, 15% e 10% do mercado mundial, respectivamente. Outro país que se destaca nas exportações é a França, com 11% do mercado.

O Brasil, assim como no caso do feijão, caracteriza-se como grande consumidor do que produz, exportando pouco mais de US\$375 milhões (3% do mercado de exportação).

Apesar de o Brasil não ter tradição de exportador e importador de milho em grãos, sempre se pensou no País com potencial para participar do mercado externo. Esse potencial pôde ser sentido em 2001 quando a participação brasileira no mercado mundial ficou próxima a 6%.

Alguns fatores contribuíram para essa mudança. O primeiro, a supersafra de milho colhida no Brasil em 2001, que agravou a situação de queda dos preços iniciada no ano anterior, favoreceu os produtores na busca de opções de mercados diferentes para escoar a produção. O segundo, a cotação do milho no mercado externo que estava mais que compensadora para a busca de mercado em outros países. E, finalmente, a proibição de produzir milho transgênico no País atraiu compradores de países que têm legislação mais rígida com respeito ao uso desses produtos e que possuem um mercado mais exigente com respeito aos produtos que irão consumir.

3.3 - Distribuição das Importações

A importação global de feijão movimentou, em 2003, aproximadamente, US\$1,3 bilhão. A Índia aparece como grande compradora, mo-

vimentando valores próximos a US\$154 milhões. O segundo maior importador foi o Iraque, com US\$93 milhões, seguido de Estados Unidos e Japão com US\$80 milhões e US\$76 milhões importados, respectivamente (Tabela 4).

TABELA 4 - Valor das Importações de Feijão e Milho, Principais Países, 2003 (em US\$1.000)

País	Feijão	Milho
Brasil	28.257	70.605
China	-	682.722
EUA	80.040	-
Índia	154.071	-
Iraque	93.300	-
Japão	76.505	2.397.195
México	-	728.255
Coréia do Sul	-	1.048.365
Mundo	1.290.035	12.648.297

Fonte: FAO (2005).

É importante destacar que o Brasil, não obstante o grande volume de produção, é importador líquido de feijão, ou seja, há um *déficit* no seu balanço comercial - o País importa US\$28 milhões contra US\$1,5 milhão de exportação.

A quantidade importada varia em função dos resultados das safras, bem como de acordos comerciais com parceiros latino-americanos (TSUNECHIRO et al., 1998). Nos últimos anos foram importadas, em média, 100 mil toneladas por ano. Da quantidade importada, a maior parte é de feijão preto, seguido pelo feijão de cores e menos que 1% é de outros tipos de feijão. Os principais países exportadores para o Brasil são Argentina, Chile, Estados Unidos e Bolívia.

O valor movimentado pelas importações mundiais de milho é de US\$12,6 bilhões. O Japão é o grande comprador individual de milho, com US\$2,3 bilhões, seguido da Coréia (US\$1,0 bilhão), do México (US\$728 milhões) e da China (US\$682 milhões).

Aqui, mais uma vez, o Brasil caracteriza-se como grande consumidor. Sendo um dos maiores produtores, ainda importa US\$70 milhões em milho, apesar de as exportações superarem as importações em US\$300 milhões.

3.4 - Evolução do Mercado

A análise das taxas anuais de crescimento da oferta mundial está feita com base na

tabela 5, que sintetiza as informações para as culturas selecionadas neste trabalho entre 1994 e 2003.

TABELA 5 - Taxas de Crescimento da Produção de Feijão e Milho, Principais Países, 1994 a 2003 (em % a.a.)

País	Feijão	Milho
Brasil	-0,18	3,94
Argentina	-	3,80
Mianmar	10,80	-
China	2,35	1,37
EUA	-	0,06
Índia	-0,19	-
México	0,26	0,75
Mundo	1,21	1,14

Fonte: Elaborada a partir de dados da FAO.

Na cultura do feijão é destacado o crescimento de Mianmar (10,8%, em média, ao ano). No início da série, o país produzia menos da metade da produção mexicana. No final do período, Mianmar já havia ultrapassado a posição do México, se estabelecendo como quarto país maior produtor mundial de feijão.

No cômputo geral, Brasil e Índia apresentaram crescimento levemente negativo de 0,1% no período, ou seja, cada país reduziu sua quantidade ofertada em torno de 58.000 toneladas, e se revezaram como os dois principais produtores. A Índia dominou até o final dos anos 90s. Nos cinco anos mais recentes da série o domínio foi brasileiro (Tabela 6).

TABELA 6 - Produção de Feijão, Principais Países, 1994 a 2003 (em t)

Ano	Brasil	Índia	China
1994	3.369.684	3.057.400	1.511.453
1995	2.946.168	3.440.000	1.440.976
1996	2.449.396	3.507.800	1.543.174
1997	2.840.243	2.955.800	1.312.210
1998	2.191.153	2.500.000	1.577.197
1999	2.830.915	2.690.000	1.679.352
2000	3.038.238	2.700.000	1.658.498
2001	2.453.420	2.200.000	1.805.527
2002	3.064.230	2.600.000	2.157.953
2003	3.309.790	3.000.000	1.907.953
Ano	Mianmar	México	Mundo
1994	591.300	1.364.239	16.880.058
1995	752.600	1.270.915	16.943.478
1996	967.300	1.349.098	16.817.522
1997	936.500	965.056	15.972.022
1998	1.077.570	1.260.658	16.111.328
1999	1.235.337	1.059.156	17.310.650
2000	1.285.259	887.868	17.158.821
2001	1.467.330	1.062.970	16.631.493
2002	1.600.000	1.549.090	19.283.157
2003	1.650.000	1.400.160	19.038.458

Fonte: FAO (2005).

O mercado produtor de milho apresentou-se estável no período analisado, com crescimento mundial de 1,1% ao ano. A produção mundial deverá continuar crescendo, pois o milho é a principal fonte de energia para a alimentação animal e para geração de combustível vegetal (etanol) nos EUA. Os países que melhor se aproveitaram desse crescimento foram o Brasil (3,9%) - terceiro produtor - e a Argentina (3,8%) - quinta produtora. A diferença entre a produção argentina e a mexicana - quarta produtora - tem decrescido ano após ano (Tabela 7).

TABELA 7 - Produção de Milho, Principais Países, 1994 a 2003 (em t)

Ano	Brasil	EUA	China
1994	32.487.620	255.292.992	99.674.118
1995	36.266.952	187.968.992	112.361.571
1996	32.185.180	234.527.008	127.865.412
1997	32.948.040	233.867.008	104.647.617
1998	29.601.750	247.882.000	133.197.612
1999	32.037.624	239.548.992	128.287.195
2000	31.879.392	251.854.000	106.178.315
2001	41.955.264	241.484.864	114.253.995
2002	35.932.960	228.805.088	121.498.915
2003	47.809.300	256.904.560	114.175.000
Ano	México	Argentina	Mundo
1994	18.235.826	10.360.000	569.222.541
1995	18.352.856	11.404.041	517.173.351
1996	18.023.626	10.518.290	589.150.877
1997	17.656.258	15.536.820	585.091.092
1998	18.454.710	19.360.656	615.505.504
1999	17.706.376	13.504.100	607.499.110
2000	17.556.900	16.781.400	592.743.584
2001	20.134.300	15.365.047	615.097.666
2002	19.299.236	15.000.000	604.162.340
2003	19.652.416	15.040.000	638.043.432

Fonte: FAO (2005).

A partir desse ponto, discute-se a evolução da produção brasileira para os produtos selecionados, usando o banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A utilização de uma nova fonte de dados resulta do fato de o IBGE dispor de informações em nível de unidades da federação que enriquecem a análise de mercado.

A análise das taxas anuais de crescimento da produção brasileira por unidade da federação está feita com base na tabela 8. O ano de 2003 foi referência e o período analisado estende-se de 1994 a 2003.

Observa-se na tabela 8 que as maiores quedas de safra do feijão, ao longo do período analisado, foram registradas nos Estados de

Alagoas, Pernambuco e Roraima. Os Estados que mais cresceram foram Amapá, Tocantins e Mato Grosso, mas todos são estados sem expressão produtiva.

TABELA 8 - Taxa de Crescimento da Produção Brasileira de Feijão e Milho, por Unidade da Federação, 1994 a 2003 (em % a.a.)

Unidade da Federação	Feijão	Milho
Rondônia	-9,48	-6,60
Acre	-2,91	-1,49
Amazonas	7,30	13,82
Roraima	-10,07	14,26
Pará	3,42	6,14
Amapá	21,96	14,82
Tocantins	19,59	5,12
Maranhão	-3,66	-0,45
Piauí	-7,77	-6,03
Ceará	-3,32	4,36
Rio Grande do Norte	-6,98	-2,86
Paraíba	-3,20	-5,24
Pernambuco	-10,35	-11,22
Alagoas	-16,27	-12,78
Sergipe	-8,85	0,84
Bahia	1,62	5,52
Minas Gerais	3,50	3,76
Espírito Santo	-7,57	-5,29
Rio de Janeiro	-5,14	-8,31
São Paulo	0,32	3,99
Paraná	3,01	5,83
Santa Catarina	-5,81	2,61
Rio Grande do Sul	-1,97	1,34
Mato Grosso do Sul	5,78	10,88
Mato Grosso	7,50	10,62
Goiás	7,17	1,35
Distrito Federal	13,64	7,63
Brasil	-0,20	4,05

Fonte: Elaborada a partir de dados do IBGE.

No ano de 2003, os Estados do Paraná, Minas Gerais e Bahia representaram, em conjunto, quase 50% da produção nacional, produzindo 707.503 toneladas, 544.147 toneladas e 356.300 toneladas, respectivamente. Esses estados apresentaram crescimentos médios no período de 3,0%, 3,5% e 1,6%, respectivamente.

O Estado do Paraná consegue colher parte da safra das águas a partir de outubro, sendo que a maior concentração ocorre em dezembro e janeiro. Nos outros meses do ano, a colheita em relação ao restante do País é menos significativa, porém contínua. Assim, esse Estado é o que mais contribui para o abastecimento na-

cional. No Estado de Minas Gerais, a colheita da safra das águas ocorre de janeiro a março. A safra da seca ocorre de maio a junho e a safra irrigada é colhida no período de julho a setembro. No Estado da Bahia são significativos dois períodos de colheita, nos dois primeiros meses do ano, a principal região produtora é Irecê. A segunda safra, colhida de junho a julho, é diluída em todo o Estado. A safra irrigada de julho a setembro refere-se à região produtora de Barreiras.

O consumo nacional de milho cresceu, chegando praticamente ao limite da produção, e a tendência é continuar sendo incrementado. Portanto, o potencial produtivo brasileiro ainda é grande e merece ser perseguido, pois se está diante de uma cultura que terá maior demanda e novas alternativas de consumo. Nessas condições, a cultura de milho no Brasil vem ganhando dimensão maior. De acordo com o IBGE, a área semeada se estabeleceu por volta de 12 milhões de hectares e a produção da "safrinha" vem se constituindo cada vez mais em uma importante alternativa ao produtor nacional, particularmente no Estado do Paraná e na Região Centro-Oeste.

Todos os grandes produtores nacionais de milho (Estados do Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás e Bahia) apresentaram taxas positivas de crescimento de produção ao longo do período estudado. Desses, com taxas médias de 10% ao ano, os que mais cresceram foram os Estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Com relação ao mercado mundial de feijão, verifica-se que, no período analisado, as taxas de crescimento caíram em média 0,35% para as exportações e cresceram 1,12% para as importações (Tabela 9). O Brasil apresentou taxas de crescimento negativas para exportação e importação, e o Canadá foi o país que mais se aproveitou da conjuntura para expandir as exportações. Dentre os maiores importadores, só o Japão diminuiu a demanda externa.

As exportações e importações mundiais de milho cresceram praticamente nos mesmos níveis de 2% no período. O crescimento das exportações brasileiras atingiu patamares acima de 60%, contra 9,6%, 6,4% e 1,7% da Argentina, China e EUA, respectivamente. Além disso, os valores das importações brasileiras caíram, tendo alcançado em 2003 a cifra de US\$70 milhões contra US\$370 milhões de exportações.

TABELA 9 - Taxas de Crescimento no Valor das Exportações e Importações de Milho e Feijão, Principais Países, 1994 a 2003
(em % a.a.)

País	Taxa de exportação		Taxa de importação	
	Feijão	Milho	Feijão	Milho
Brasil	-41,07	68,21	-12,05	-9,83
Argentina	-	9,65	-	-
Mianmar	-3,91	-	-	-
Canadá	8,71	-	-	-
China	0,62	6,47	-	-1,30
EUA	-2,12	1,73	13,14	-
França	-	-2,17	-	-
Índia	-	-	14,30	-
Iraque	-	-	214,04	-
Japão	-	-	-7,62	0,56
México	-	-	-	7,02
Coréia do Sul	-	-	-	4,18
Mundo	-0,35	2,56	1,12	2,52

Fonte: Elaborada a partir de dados da FAO.

4 - ANÁLISE DO DESEMPENHO COMERCIAL DO BRASIL

Os indicadores da tabela 10 apresentam o grau de participação, o grau de abertura, o grau de dependência e a taxa de cobertura do Brasil para o feijão no período 1994-2003.

Analisando toda a série histórica considerada, verificam-se baixíssimos níveis de participação e abertura para a cultura do feijão, com médias de 0,024% e 0,149%, respectivamente. Apesar de uma leve melhoria no período, os resultados são insignificantes em termos de inserção comercial.

TABELA 10 - Grau de Participação, Grau de Abertura, Grau de Dependência e Taxa de Cobertura para o Feijão, Brasil, 1994 a 2003
(em %)

Ano	Grau de participação	Grau de abertura	Grau de dependência	Taxa de cobertura
1994	0,002	0,011	6,499	0,297
1995	0,007	0,042	5,830	1,232
1996	0,031	0,211	3,365	5,561
1997	0,033	0,186	5,580	3,092
1998	0,011	0,084	9,631	1,041
1999	0,015	0,090	3,278	1,853
2000	0,028	0,157	2,618	10,090
2001	0,014	0,095	5,309	2,740
2002	0,084	0,529	2,686	35,679
2003	0,014	0,081	3,120	5,415
Média	0,024	0,149	4,792	6,700

Fonte: Elaborada a partir de dados da FAO.

Convém destacar a temporada 2003, na qual o Brasil registrou excelente safra, superada apenas pela safra de 1994, na qual foram colhidas 3.369,6 mil toneladas. A expressiva oferta, associada à desvalorização cambial, refletiu na exportação recorde do produto em 2002.

O Brasil foi importador líquido de feijão durante todo o período. Observa-se que a quantidade importada correspondeu, em média, a 4,7% da produção nacional, o que caracteriza um baixo nível de dependência. Entretanto, o caso da importação de feijão deve ser visto com reservas quando citado como exemplo de má gestão, pois, apesar das políticas agrícolas que negligenciam a produção de produtos básicos em detrimento a produtos agrícolas com maior possibilidade de exportação, não há clareza de dados que mostram se o ingresso de feijão estrangeiro ocorre em função de facilidades impostas pela abertura comercial, se parte de acordos comerciais ou se os produtos de outros países são mais competitivos. Ademais, houve pequena melhoria nos indicadores de taxa de cobertura.

Como parte da produção de feijão é obtida por produtores pouco eficientes e explorada por pequenos produtores que usam baixo nível tecnológico, a cultura é estigmatizada como pouco competitiva. Uma consequência seria a não profissionalização dos produtores por falta de segurança na cultura, que perderia espaço para outras cadeias. Contudo, a tendência que se tem verificado no mercado brasileiro é que, à medida que a segunda e, principalmente, a terceira safra vão ganhando espaço, os intervalos de entressafra diminuem com conseqüente redução da instabilidade de preços ao longo do ano. Este fato tem motivado a profissionalização na produção de feijão, com aumento da produtividade e rentabilidade em um mercado altamente pulverizado e instável.

A cultura do milho apresentou baixos graus de participação e abertura, com resultados fracos em termos de inserção no comércio internacional (Tabela 11). Observa-se que a quantidade importada correspondeu, em média, a 2,8% da produção nacional, caracterizando baixo nível de dependência.

Com exceção de 1996, que foi praticamente zero, o *quantum* do balanço comercial do milho foi negativo. Ou seja, o Brasil importou uma quantidade sempre maior do que a que exportou. Em termos monetários, a partir de 2001, o País tem saldo positivo, em média supe-

rior a US\$300 milhões no balanço comercial, o que elevou a taxa de cobertura, que fechou o período com média superior a 200%. Ou seja, os valores exportados foram, em média, duas vezes maiores que os valores importados. O câmbio favorável e a recuperação dos preços internacionais elevaram a competitividade do produto brasileiro, deixando os exportadores em franca vantagem frente aos consumidores tradicionais.

TABELA 11 - Grau de Participação, Grau de Abertura, Grau de Dependência e Taxa de Cobertura para o Milho, Brasil, 1994 a 2003 (em %)

Ano	Grau de participação	Grau de abertura	Grau de dependência	Taxa de cobertura
1994	0,001	0,014	4,336	1,041
1995	0,002	0,030	3,610	2,939
1996	0,060	1,091	1,003	95,710
1997	0,061	1,087	1,623	56,178
1998	0,004	0,075	5,841	6,069
1999	0,001	0,023	2,566	8,160
2000	0,003	0,057	5,556	4,638
2001	0,092	1,349	1,488	801,573
2002	0,047	0,782	0,961	769,886
2003	0,057	0,755	1,668	531,316
Média	0,033	0,526	2,865	227,751

Fonte: Elaborada a partir de dados da FAO.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dadas as limitações das estatísticas disponíveis, torna-se complicada uma análise substantiva da competitividade do feijão brasileiro no mercado internacional. Contudo, apesar da tradicional desorganização, nos últimos anos, tem se observado um processo de reestruturação da cadeia produtiva, como reação à tendência de diminuição do consumo *per capita* e ao avanço da soja sobre a cultura do feijão. As mudanças nos hábitos alimentares, com a crescente urbani-

zação e maior participação das mulheres no mercado de trabalho, têm levado a um menor consumo de feijão. Ademais, o crescimento da renda das camadas mais baixas da população também desvia o consumo para alimentos mais nobres, como carnes, leite e derivados, verduras, legumes, ovos e frutas. Apesar disso, pode-se inferir que essa leguminosa ainda terá, por longo tempo, lugar de destaque na alimentação do brasileiro.

Como terceiro maior produtor mundial de milho, quase toda a safra é consumida no mercado interno para alimentação animal, especialmente sob a forma de rações para a avicultura. Só recentemente o País passou a ter alguma presença como fornecedor internacional desse cereal.

A médio prazo, o Brasil poderá ser um grande fornecedor de milho no mercado internacional, beneficiado pelo crescimento da produtividade das lavouras e pelo uso de tecnologia agrícola avançada, como já acontece de forma muito mais intensa com a soja.

Contudo, a cultura do milho eleva sua importância decisiva à medida que agrega valor a sua produção, transformando-a em carnes, ovos e leite, assim como em derivados diretamente para o consumo humano. Dessa forma, o comércio internacional do milho para o Brasil é uma boa alternativa quando houver oferta significativa que possa depreciar os preços aos produtores, ou quando houver uma frustração importante que possa pôr em perigo as diferentes cadeias de produção animal e seus derivados. O que não pode ocorrer é um desestímulo à produção motivado justamente pela inexistência ou desorganização da cadeia produtiva desse cereal e as cadeias que o circundam.

Neste contexto, um dos gargalos ainda a ser resolvido para ambos os produtos analisados está na falta de infra-estrutura de armazenamento e de transporte, o que ocasiona elevados níveis de perdas e instabilidades, desde a colheita até o consumo final.

LITERATURA CITADA

FERREIRA, C. M. **Comercialização de feijão no Brasil, 1990-99**. 2001. 145 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), Piracicaba.

_____; DEL PELOSO, M. J.; FARIA, L. C. **Feijão na economia nacional**. Santo Antonio de Goiás: Embrapa Arroz e Feijão, 2002. 47 p. (Documentos, 135).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa agropecuária. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO - FAO. Disponível em: <<http://www.fao.org.br>>. Acesso em: 2005.

REIS, J. N. P.; SOARES, K. E. S. **Estudos sobre o mercado mundial, nacional e cearense de frutas**. Fortaleza: NEPAG/DEA/UFC, 2005. (Relatório Técnico, n. 2).

TSUNECHIRO, A. et. al. **Cadeia produtiva do feijão**. São Paulo: SAA, 1998. 53 p.

DESEMPENHO COMERCIAL DA AGRICULTURA BRASILEIRA: os casos do feijão e do milho

RESUMO: Este estudo teve como objetivo analisar o desempenho comercial do feijão e do milho do Brasil no mercado internacional no período 1994 a 2003. Para isso, foram estimados os graus de participação, abertura e dependência externa, além da taxa da cobertura. Foi constatado um baixo nível de inserção dos produtos no comércio internacional, refletido pelos níveis insignificantes de participação e abertura. No caso do feijão, o Brasil além de maior produtor mundial é também grande consumidor, participando com apenas 0,1% das exportações no mercado mundial. Com pequeno nível de dependência, o País foi importador líquido da leguminosa durante todo o período. Como produtor de milho, o País detém a terceira produção mundial, contribuindo com 3% das exportações mundiais, em média, no período. Com baixo nível de dependência, o País foi importador líquido de milho em termos de quantidade mas, a partir de 2001, inverteu sua posição em termos monetários. De fato, o Brasil tem espaço para reverter essa posição de importador líquido de feijão e consolidar seu papel como fornecedor de milho no mercado internacional, beneficiado por aumentos de produtividade e uso de tecnologias avançadas, bem como agregação de valores à sua produção.

Palavras-chave: feijão, milho, comercialização, exportação, importação.

BRAZIL'S AGRICULTURAL TRADE PERFORMANCE: the cases of bean and corn

ABSTRACT: This study had as objective to analyze the trade performance of Brazilian bean and corn in the international market, from 1994 to 2003. To that end, the degrees of participation and of external openness and dependence were estimated, besides the cover rate. A low share of those products in the international market was verified, reflected by the insignificant levels of participation and openness. In the case of beans, besides being the world's greatest producer, Brazil is also a large consumer, thus accounting for a mere 0.1% of the world's exports market. With a low degree of dependence, the country was a net importer of beans throughout the period. As a corn producer, the country is the third world producer, contributing with 3% of the world's exports in monetary terms. With a low level of dependence, Brazil was a net importer of corn in terms of quantity, but as of 2001 it reverted its position in monetary terms. In fact, Brazil has room revert its position as a net importer of beans and to consolidate its role as a supplier of corn in the international market, having benefited from increases in yields and use of advanced technologies, as well as aggregation of value to the production.

Key-words: dry beans, corn, trade, exportation, importation.

Recebido em 02/09/2005. Liberado para publicação em 18/11/2005.